

A identidade docente em construção: algumas considerações a respeito da construção do ser docente de História¹

Denize Terezinha Leal Freitas - UFRGS²

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo abordar alguns aspectos referentes à construção da identidade do professor de História. Trata-se de um ensaio analítico que visa entrelaçar aspectos da experiência docente a partir de autores referências nesta temática. No âmbito da análise, elegemos cinco categorias que implicam diretamente na construção da identidade docente, sendo elas: entender-se como organizador do processo de ensino aprendizagem; ser interlocutor de diferentes conhecimentos; identificar a escola como um organismo vivo; verificar a importância da constante atualização profissional; perceber-se como um agente político ao ensinar. Desta forma, concluiu-se que estes cinco pilares devem fazer parte da constante avaliação docente quanto a sua atuação, pois possibilitam qualificar e valorizar o professor enquanto educador.

Palavras Chaves: identidade docente, ensino-aprendizagem, história

Summary:

This paper aims to address some aspects of the construction of identity of a history professor. This is an analytical test which aims to weave aspects of teaching experience from authors references on this topic. In its analysis, we chose five categories that directly affect the construction of teacher identity, namely: understood as the organizer of the teaching-learning process, being speaker of different know ledge, identify the school as a living organism; verify the importance of constant professional development; perceive themselves as a political agent to teach. Thus, it was concluded that these five pillars must be part of the constant teacher assessment as to their performance, and value because they allow the teacher to qualify as an educator.

Keywords: teacher identity, teaching and learning, history

*Trata um homem de acordo com o que ele é,
ele continuará na mesma;
trata-o de acordo com o que pode e deve ser,
e ele converter-se-á no que pode e deve ser.
(J. W. Goethe)*

Introdução

A identidade docente é um campo de estudo que pode ser analisado de diferentes ângulos. Muito mais do que apenas discutir as questões de caráter prático da ação docente, essa reflexão pretende apontar algumas questões que estão ou devem estar presente na construção da *identidade docente* do Professor de História, que vão além das daquelas ditas exclusivamente de ordem da área de conhecimento. Objetiva-se discutir a identidade do ser docente através da análise de cinco categorias cuja relevância foi selecionada a partir da sua importância na configuração de um professor, principalmente o de História.

Vale salientar que o intuito desses apontamentos tem como meta alcançar a sensibilidade dos professores a permitirem-se pensar sobre o seu agir pedagógico e, sobretudo, instigá-los a refletir sobre a sua própria identidade enquanto docentes. Sendo assim, propomos que cada um possa “ter como preocupação construir um estilo docente, uma marca pessoal em seu trabalho” (SEFFNER, 2010, p. 215). Enfim, que a leitura possa permiti-lo perceber-se como educador.

Como se constrói a identidade de um professor? Ela é homogênea? Há diferença no perfil de um Professor de História visando um de outra área, como o exemplo, um Professor de Física? Existem diferentes formas de abordar esse assunto. Mas acreditamos que algumas questões devem ser tratadas de maneira fundamental no que tange a identidade docente. Primeiramente, deve-se levar em consideração que a identidade do Professor não é algo estanque, mas sim resultado de uma constante (re)construção de si ao longo da profissão. Segundo FERREIRA (2006, p.54) “[...] a construção da identidade do professor não é um dado que termina, estagnado, mas evidencio-o como espaço de lutas e conflitos”, enfim, um local de constante aperfeiçoamento e integração com o momento vivido.

Sendo assim, é elementar considerar aspectos que implicam diariamente nesta construção dinâmica do ser docente. Dentre eles podemos citar a capacidade do professor entender-se enquanto um organizador do processo de aprendizagem; perceber-se enquanto um interlocutor de distintos conhecimentos (acadêmicos e não acadêmicos); dar-se conta que a escola é um intenso e dinâmico organismo vivo que ensina muito mais do que se faz ensinar; verificar a importância do exercício permanente da atualização de sua área e, finalmente, perceber sua atuação política diante da relação ensino-aprendizagem.

Obviamente, poder-se-iam enumerar muitas outras categorias de análise ou variáveis a respeito da temática da identidade docente – podemos analisá-los pelo viés sociológico, psicológico, etc. - entretanto, optamos por elencar algumas categorias de análise que nos permitam refletir sobre a temática, visto que o assunto já possui muitos estudos.³ Sendo assim, procuraremos argumentar a respeito de cada um destes pontos selecionados. Nossa proposta é discutir esses cinco tópicos de análise como sendo estes os principais pilares que conjugam a formação do docente e a (re) construção constante de seu perfil e da sua atuação, tendo como pano de fundo a visão de um docente de História em formação.

No convívio social, a experiência interpessoal possibilita o processo de elaboração e reelaboração de sentidos que organizam e integram a atividade psíquica dos participantes da relação. O movimento relacional cria múltiplas possibilidades de significação, construídas no momento próprio da relação, com caráter intersubjetivo. Do ponto de vista psicológico, a dinâmica relacional não é simples nem linear. Ao contrário, é um acontecimento vivo, contraditório e multidimensional, que pode direcionar a constituição de diferentes configurações da personalidade, ainda que esta guarde sempre uma unidade interna, uma relativa estabilidade. (TUNES, TACCA & BARTOLLO, 2005, p. 690).

Antes de adentrarmos na abordagem dos aspectos selecionados, conduziremos o leitor a uma discussão preliminar a respeito da construção da identidade do professor. Conforme TUNES (2005) destacou acima, a identidade docente é uma construção multi-relacional. Desta forma, buscamos abordá-la num âmbito repleto de complexidade, onde as relações entre o professor, os alunos, a escola e o olhar sobre si implicam na formação dos professores e de seus perfis como educadores.

Reflexões sobre a construção da identidade do professor

Para NÓVOA (1992) não devemos esquecer a dialética que está por trás da construção da identidade docente. Os conflitos existentes entre as relações professor-aluno, professor-conhecimento e professor-escola são fundamentais para a formação do ser docente. A síntese das frustrações, das alegrias, dos medos e das incertezas que irão dar consistência, ou melhor, darão sentido e "rosto" ao tipo de professor que se é.

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçado a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (NÓVOA, 1992, p. 16)

Segundo ARROYO (2000) a identidade profissional dos docentes é algo dinâmico, na qual devemos levar em consideração vários fatores, entre eles a própria construção elaborada pela sociedade. Ele ainda vai além, ressalta que se deve lembrar que essa imagem social é resultado de uma variável dos diferentes contextos históricos, políticos, sociais e econômicos. Mas de qualquer forma, é diante das experiências cotidianas que vai se desenhando a própria identidade. Como ressalta SEFFNER (2010, p.216), isso ocorre devido a própria desvalorização dos docentes sobre a sua prática.

O professor deveria valorizar e ampliar seu saber docente, ao lado dos conhecimentos da disciplina específica. Este saber docente, conforme tratado aqui, passa pelos aprendizados que o dia a dia da docência lhe proporciona. Ele é em geral um saber pouco sistematizado, pois o professor quase não reflete sobre as situações de sala de aula, que em geral não são discutidas de um ponto de vista profissional. O que mais se escuta nas escolas são apenas as queixas derivadas de cenas em sala de aula. E a queixa, isto sabemos bem, termina por ocupar o lugar do pensamento.

De acordo com SEFFNER (2010) o docente deve empregar personalidade a sua prática e não se tornar mais um no muro das lamentações dos problemas oriundos da prática docente. O professor deve reconhecer seu modo, seu estilo de dar aula e para isso, deve refletir sobre a sua identidade como educador. Cabe então ao professor dar a devida relevância a sua práxis que está influenciada por seus valores, posicionamentos políticos, sentimentos e expectativas. Ele deve romper a barreira do pessimismo e pensar sobre a sua forma de agir e posicionar-se como professor. Sendo assim, preocupar-se menos com o conteúdo e mais com o sentido que estabelece ao trabalhá-lo em sala de aula.

A grande questão é que para além da constante busca por novos saberes da disciplina e, também, do estudo perene de novas alternativas metodológicas e abordagens teóricas para enfrentar as demandas da área do conhecimento, o professor se esquece de refletir sobre o seu posicionamento como educador. Mergulhado num mar de responsabilidades diante do domínio de ordem didática, o esforço permanente na formação continuada e nas demandas da escola (atualização dos cadernos de chamada, reuniões, atividades extracurriculares, etc.) o docente perde o foco diante do valor de perceber-se como educador.

O estudo promovido por FERREIRA (2006) nos alerta para a importância da narrativa dos docentes e pode contribuir para nosso debate. Sua pesquisa teve como objetivo central perceber o quanto o narrar-se e interpretar-se como docente permite que se compreenda como se dá a construção da identidade pessoal/profissional e o como ela configura significado no momento em que esse educador se aproximasse ou se distanciasse da sua ação pedagógica dentro do ambiente escolar.

Através dessas narrativas mostrou como a sua escrita está repleta de significado, transborda a fala de si, uma espécie de expor a si mesmo, de deixar-se conduzir pelo próprio ser, ou melhor, o professor se questiona: Como me tornei este professor que sou? Será que a prática está distante da teoria? Até que ponto me aproximo ou me distancio da minha idealização como docente? As interrogações propostas por Ferreira e sua abordagem proposta através das narrativas dos docentes mostrou como o espaço do descrever-se coloca o educador diante de sua própria formação e construção de si enquanto profissional e, como, esse narrar-se está repleto de significados que ultrapassam a própria vivência. Para a autora é no processo da autorreflexão que ocorre um processo de reavaliação profissional.

Compreendo que existe possibilidade na construção de um novo profissional, à medida que o professor tenha clareza dos problemas, ou seja "refletindo as dificuldades", "avaliando" e "reajustando" as formas de ver e proceder no cotidiano, pois o processo de reflexão-na-ação é um forte mecanismo na construção da identidade pessoal e profissional docente. Nesse exercício da reflexão-na-ação, que o professor afirma sua identidade, na perspectiva de mudar a história e no exercício durante o processo de construção em ser-professor. (FERREIRA, 2006, p. 33-34)

Enfim, uma série de questões que mostram os diversos caminhos por onde transita o aprender constante de ser professor. Isto nos remete a questão da disponibilidade do tempo dedicado a esse momento de reflexão. Provavelmente, são poucos os exercícios, ou melhor, lugares que estimulem ou permitam que o docente possa estabelecer conexões mais reflexivas diante de sua prática de maneira livre e verdadeira.

Talvez, as exigências do dia-a-dia possa comprometer essa autoanálise. Muitas vezes, o acúmulo de tarefas faz com que o "fazer docente" aconteça de maneira direta, irreflexiva, maquinal. Essa possibilidade de pensar-se como sujeito

que age sobre o aprender do outro e, simultaneamente, aprender ao ensinar pode adquirir um caráter surpreendente, até mesmo na maneira do professor humanizar mais o seu planejamento, suas ações pedagógicas, etc.

É salutar lembrar que o processo de construção da identidade do professor através de suas experiências e, sobretudo, pela sua narrativa configura um campo, por vezes, conflituoso e dialético. Segundo LANE (2004) existe uma variação do ser-professor, no qual, ele encara sua identidade ora de maneira ativa, ora passiva. Funcionando como um sistema pendular, no qual por momento aproxima-se de suas idealizações e, em outros, afasta-se se deixando absorver pelos dilemas e desafios da vida profissional.

Para BEHRENS (1996, p.135) "A essência da formação continuada é a construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do saber fazer". Assim a maneira ideal para que seja realizada a formação continuada ocorre através de um trabalho coletivo, onde o profissional aprenda através da experiência dos seus colegas, tornando-se assim um profissional reflexivo, preocupado com os resultados apresentados durante a sua atuação, para então procurar novas estratégias que levem a melhoria da situação. Mais do que a possibilidade de aperfeiçoamento individual, o espaço de formação continuada, deve ser pensado como um ambiente de sociabilidade das experiências como educadores.

É justamente na relação de alteridade com os demais colegas que posso abrir-me a refletir sobre o meu perfil de docente, pensar a trajetória como professor e procurar projetar novas metas para evoluir como educador. Aprender com, e através dos colegas: "Com isso torna-se importante os momentos de reflexão individual e pessoal, para que haja uma melhora diante da prática pedagógica que será exercida, visando um melhor desenvolvimento e entendimento do educando". (RODBARD, 2009, p. 4948)

A busca pela atualização dos conhecimentos específicos não pode estar desconectada de uma motivação político pedagógica. O aperfeiçoamento profissional deve estar interligado com o repensar de uma postura mais ética, política e social. O professor, sobretudo o de História, deve "alimentar" sua bagagem de temáticas e assuntos que estejam interligados com o espaço onde atua, com as demandas da sua comunidade escolar, enfim que ganhe em sentido e significado para a sua atuação como educador.

As cinco categorias de análise na construção do Professor

Primeiramente, é importante que o docente situe-se e tenha como premissa sua função como organizador do processo de aprendizagem, pois é ele o responsável por dar sentido e vida a sua área de atuação. No caso da História, por exemplo, SEFFNER (2000, p. 260) nos alerta de que o "professor é como alguém que coloca o aluno em contato com os processos de construção/reconstrução do passado", isto é, ele é o

interlocutor, o principal mediador cultural, social e político. Portanto, é fundamental que o docente torne presente suas características e deixe suas marcas no modo de sistematizar as aulas. A identidade docente tem de estar viva e atenta às demandas dos seus alunos. Um professor alheio e inerte deixa escapar essa identidade que pode fazer a diferença no processo de ensino-aprendizagem. Para GADOTTI (2005) é na ação do professor que o aprender e o viver ganham sentido porque:

Eles fazem fluir o saber – não dado, a informação, o puro conhecimento – porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso, eles são imprescindíveis. (GADOTTI, 2005, p. 19)

O que o autor acima nos remete é que o sentido para a vida é fundamental na atuação e percepção do professor no momento da sua ação pedagógica. Sendo assim, assumir-se enquanto um direcionador do processo de ensino-aprendizagem requer que o docente faça a diferença – ou melhor, deixe suas marcas – ao conjugar a sua área de conhecimento com as demandas sociais, políticas, econômicas e culturais de suas turmas. Daí a necessidade de transformar suas aulas em momentos de vivência com a realidade em um amplo e complexo movimento conjunto entre alunos e professor.

Assumir-se como professor requer a clareza de muitos aspectos constituintes da missão a ser realizada. É preciso, sim, ter metas e objetivos, saber sobre o que se vai ensinar, mas não se pode perder de vista, um segundo sequer, para quem se está ensinando e é disso que decorre o como realizar. Integrar tudo inclui dar conta de diversas facetas do processo ensino-aprendizagem, ou seja, a do aluno concreto, real, a do conhecimento, a das estratégias de ensino, e a do contexto cultural e histórico em que se situam (...). Conjugado isso exige compromisso e responsabilidade com o aluno, o que permite avançar na exigência da compreensão da pessoa no processo de ensinar e aprender. (TUNES, TACCA & BARTOLLO, 2005, p. 697).

Valorizar a sua prática docente, ou melhor, refletir o como e de que maneira eu me sinto ou atuo como educador implica responsabilidades. Dentre elas podemos destacar, sobretudo, o que os autores acima destacaram, isto é, dar-se conta para quem eu ensino e sobre o que estou ensinando. Conhecer os alunos, suas realidades é uma espécie de salto qualitativo na prática docente. Isso pode servir como catalisador para que o professor perceba-se atuando como educador para, e da vida de seus discentes.

Outro aspecto enumerado é a compreensão do Professor enquanto **interlocutor de diferentes culturas**. Para além da consciência do mesmo, deter-se de um vasto tipo de conhecimento científico, ele estará presenciando contato com uma gama variada de diversidades e realidades sociais, sejam elas vindas da turma, da escola em geral e/ou de alunos em específico. Sendo assim, tornar-se-ia indispensável que o docente saiba assumir a tarefa de agir enquanto um mediador, uma espécie de ponte que liga diferentes pontos de vistas e modos de viver.

É justamente no instante em que o docente estabelece essa ponte entre o que lhe foi ensinado e de como deve articular sua dinâmica de ensino-aprendizado é que ele indiretamente estabelece identidade e singularidade a sua maneira de ser e agir como educador. Ele proporciona vida ao ato de ensinar e recria o conhecimento. Ele confere o poder de sujeito atuante para si e para os alunos, e segue aquilo que FREIRE (1996, p.38) alerta:

A grande tarefa do sujeito que pensa como não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico.

Empregar autenticidade, esta seria a grande contribuição do docente. De acordo com GATTI (1996, p.85) o docente é antes de tudo: "um ser em movimento, construindo valores, estruturando crenças, tendo atitudes". Portanto torna-se fundamental a articulação e o desenvolvimento de um fazer-se interlocutor. Ser docente é o exercício constante de mediação entre o conhecimento, entre o reconhecimento de si, dos espaços, etc. O professor é quem deve assumir essa responsabilidade de direcionar o sentido das coisas através da singularidade de seu olhar diante do mundo.

Para tanto, é elementar que o professor entenda que **ambiente escolar é o espaço da diversidade** em todos os aspectos, ou seja, político, econômico, social, cultural, etc. Além disso, ele deve procurar entender que essa "diversidade é uma riqueza e não um problema" (SEFFNER, 2008, p.167), mesmo porque é justamente ali que um leque enorme de possibilidades de estudos se abre: as temáticas religiosas, sociais, étnicas entre tantas outras que demonstram o quão valioso é essa pluralidade que se verifica na escola.

Como a educação faz parte da vida, é vida, deve ser co-vivida num processo contínuo como é a dinâmica da vida. A escola é um lugar da/de educação. Corresponde a um subespaço geográfico, faz parte do espaço geográfico, portanto apresenta forças, poderes, tensões, emoções, mobilidades e interesses. (CASTROGIOVANI, 2011, p. 1)

Para o autor acima a escola é o ponto chave do fazer do educador. É a sua visão do que é a escola; de onde ela se situa; de quem estuda lá; e de qual o significado da escola para a comunidade; que vai ampliar os laços do docente com o seu lócus de atuação. Sendo assim, uma das principais características no desenvolvimento da identidade docente é conhecer o ambiente onde se atua, ou melhor, onde se vive a prática da docência.

Não obstante, PIMENTA (1997) nos alerta que o ato de “professorar” envolve habilidades que vão além do domínio ou manejo dos conhecimentos específicos de cada área. Pelo contrário, exige que o educador desenvolva habilidades que contribuam indubitavelmente com a humanização dos discentes. É interessante notar que o autor também aponta para que o docente reflita sobre a sua prática e que através dela permita-se compreender qual a finalidade de sua ação pedagógica diante da realidade social que o cerca.

Espera-se, pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (PIMENTA, 1997, p. 6)

É nesta mesma linha de raciocínio que colocamos a identidade em pauta. Não podemos dissociar o ambiente escolar do processo de construção do ser docente. Para GATTI (1996) a identidade “se constrói e não é dada”, portanto, perceber-se como professor exige “vê-los nas suas relações sociais, construtivas de seu ser” (1996, p. 88). Tendo como premissa que o espaço das relações sociais dos docentes dá-se através da escola, então, fica evidente a necessidade do professor formar elos de integração e compreensão do espaço escolar, não apenas como ambiente profissional, mas, sobretudo, relacional e humano.

A construção do ser docente também deve passar pela importante constatação de que **ele é um pesquisador** por excelência. Como tal, deve permanecer em constante processo de atualização de seus saberes, seja no âmbito específico como também no da prática docente em si. Condicionantes que o tempo, a experiência e a necessidade exigirão mais cedo ou mais tarde de todos aqueles que pretendem construir uma identidade profissional enquanto educadores.

Com isso o professor que torna-se reflexivo, passa a ser um produtor de conhecimentos que permite uma melhoria em sua prática docente, fazendo assim uma análise mais profunda da organização das atividades, reformulando e realizando as alterações pertinentes para que o encaminhamento das suas aulas fiquem melhores estruturados, buscando um melhor desenvolvimento integral do seu aluno (MILEO, 2009, p. 4948).

Toda aula deveria ser o espaço por excelência da pesquisa. Deveríamos nos posicionar mais como educadores pesquisadores do que como professores reprodutores. Deter o “domínio dos conteúdos” demonstra um esvaziamento da prática docente, o educador deve colocar a abordagem das temáticas através e pela dúvida, porque é ali fundamentalmente na esfera dos “porquês” que tanto os discentes como os docentes são estimulados a dar sentido a sua produção textual.

Para além da autorreflexão, outro aspecto levantado por GADOTTI (2005) é que a docência é a arte de conviver com as incertezas, visto que a constante formação deste profissional é salutar. Portanto, a partir do momento em que o professor se verifica como um pesquisador em constante curiosidade diante do

saber, ele acaba tornando seu trabalho muito mais complexo e tendo com isso uma maior articulação ao lidar com os desafios do dia-a-dia em sala de aula.

Acreditamos que a promoção de uma educação séria e para a vida passa pela conscientização de que os professores autores geram alunos autores. Todavia, essa postura exige responsabilidade, desafios e assumir o compromisso de valorização do trabalho discente e docente por parte de todos: da escola, do grupo de professores, da comunidade, etc.

Tratar de temas políticos do momento, debater sobre as correntes partidárias podem ser posturas praticadas por um docente da área da História, mas isso não significa que sua postura seja reflexiva, instigadora e repleta de postura política. Pelo contrário, muitas vezes pela pressão conteudista nossa abordagem sobre assuntos de ordem política são empobrecidos de análises críticas, ou pior, endossados apenas pela nossa postura. Tornar um aluno cidadão, capaz de refletir por si mesmo, tomar a mão de seu destino frente ao seu quadro político e social é uma competência muito especial de um professor de História.

Portanto, quando argumentamos sobre a importância do posicionamento político do educador, acreditamos que ele possa e deve estar presente em outras áreas do conhecimento. Devemos atuar em questões que extrapolam a História, deve-se sim, proporcionar momentos em que questões de ordem cidadã façam-se presente nas aulas. Debater sobre o meio-ambiente, os problemas do bairro, a violência em casa ou na escola é dar possibilidade para que o discente assuma uma consciência crítica e perceba sentido na sua formação escolar.

Por fim, assumir uma **posição política ao educar**. Isto é, mais do que se posicionar, é apresentar condições para que os educandos possam escolher criticamente suas próprias posições enquanto cidadãos. Ser um professor de História com posições estabelecidas lhe atribui a capacidade de tornar-se arquiteto da autonomia dos discentes enquanto seres sujeitos críticos e politicamente atuantes na sociedade em que vivem.

Para NÓVOA (2000) a identidade profissional é fundamentalmente um local de conflitos internos e externos. Neste sentido, OLIVEIRA (2008) é enfático ao afirmar que "A identidade é, portanto, uma construção, antes de tudo, política", pois nelas estão em jogo o posicionamento e a afirmação de cunho ético e de caráter de cada docente. Sendo assim, exige uma postura firme e atenta de cada profissional diante da sua postura de educador.

Para OLIVEIRA (2008) muitos problemas oriundos da questão profissional dos docentes deve-se a falta de integração e identidade de grupo. A desvalorização da área da educação e o esvaziamento do sentido no atuar do educador dão-se

pela ausência de uma postura identitária consistente e, sobretudo, da ausência de articulação política deste profissional. Neste sentido, a autonomia e a falta de integração entre os professores gera uma dualidade perigosa, isto é:

Os professores encontram-se, portanto, diante de uma nova ambivalência: por um lado, as formas mais flexíveis e autônomas de organização do trabalho lhes trazem ganhos de autonomia e maior controle sobre suas atividades; por outro lado, essa mesma organização lhes retira poder e controle como grupo profissional, à medida que também atribui autonomia aos demais sujeitos que participam da escola e do sistema, com o poder de cobrar e exigir prestação de contas do que é realizado no espaço que, outrora, era de estrito domínio profissional. (OLIVEIRA, 2008)

Enfim, tratar das questões da posição política do professor extrapola a fomentação de aulas planejadas que tenham como foco as ações ou características políticas de um país, região ou grupo partidário. Mas sim, tem por finalidade que a posição política e ética do educador faça-se presente em todas as aulas. Isto é, que a aula não fique apenas em palestras, monólogos ou palanques ideológicos, porém seja o espaço do diálogo, do debate aberto, da articulação de saberes a partir, e com a diferença de ideias.

Considerações Finais

Então, tivemos como objetivo central proporcionar ao leitor alguns aspectos, pelos quais, a identidade profissional de cada professor de História esteja implicitamente ligada. Obviamente, acreditamos que a construção do perfil de cada docente não esteja encerrada nestas questões, muito menos, na valorização de algumas em detrimentos de outras. Mas sim, salientamos que a docência é um exercício de reflexão constante: das práticas e das estratégias de ensino-aprendizagem, do comportamento na atuação profissional, na interação relacional com o ambiente de trabalho, enfim com uma série de elementos que extrapolam o que foi discutido.

Deste modo, penso que a identidade do professor é atravessada por esses cinco pilares e por inúmeros outros. Bem como, de que esse processo não se dá de forma linear ou progressiva, mas sim de maneira dinâmica e, simultaneamente diante, e de acordo com o viver docente de cada professor. E, sobretudo, da disponibilidade de abertura de cada docente, pois segundo FREIRE (1996 p. 134): "É quanto mais me dou a experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil".

Vale salientar que esse artigo não pretendeu apresentar uma "receita" pronta do que poderíamos considerar um perfil de profissional da educação adequado ou mais direcionado a área da História. Mas sim, procurou levantar categorias que buscam colocar os profissionais a refletirem sobre as aproximações e distanciamentos que existem entre a prática e a teoria. Tanto, que podemos estender esses pontos

de discussão para a atuação de outros profissionais da educação, pois acreditamos serem elas pilares para refleti-lo-se enquanto professor.

Obviamente, salientamos que buscamos com essas considerações estimular os professores de História a pensarem em suas ações e seu estilo como docente. Porém salientamos que essas categorias não encerram a questão da identidade. Mas sim, elas devem fazer parte da construção da profissão docente constantemente. A reflexão constante diante do palco de atuação (a escola) e de que forma de está atuando este ator (professor) pode mudar consideravelmente o espetáculo que é o processo de ensino-aprendizagem. Essa reflexão deve servir como uma prática constante para a evolução do conhecimento de si como professor, mas, sobretudo, de uma prática educadora. Assim nossos aplausos ao fim da tragédia serão mais gratificantes no futuro.

Referências Bibliográficas:

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. *Formação continuada dos professores e a prática pedagógica*. Curitiba, PR: Champagnat, 1996.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. *Ensino, Complexidade E A Diversidade Da Vida Nos Fazeres Geográficos* In: GEOGRAFIA práticas pedagógicas para o ensino médio.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, KAERCHER, Nestor André e REGO, Nelson (orgs). *Ed Penso*, Porto Alegre, 2011.
- FERREIRA, Marília de Abreu. *Ser-professor: construção de identidade em processo auto-formativo*. São Bernardo do Campo: Dissertação de Mestrado – UMSP. PPG em Educação. 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GATTI, Bernadete Angelina. *Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 98, pp. 85-90, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um Sonho: Ensinar - e Aprender com Sentido*. Série Práticas Educativas. Porto Alegre: Editora Positivo, 2005.
- LANE, Silva Tatiana Mourer & CODO, Wanderley. (org.) *Psicologia social e uma concepção do homem para a psicologia*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MILEO, Thaisa Rodboard & KOGUT, Maria Cristina. *A importância da formação continuada do Professor*. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 28 de outubro de 2009 – PUCPR pp. 4943-4952.
- NÓVOA, Antonio. *Os professores e as histórias da sua vida*. In: NÓVOA, A. (org.) *Vidas de professores*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.
- NÓVOA, Antonio. *Os professores e a história da sua vida*. In: _____. (Org.). *Vida de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 2000.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. *O trabalho docente na América Latina: Identidade e profissionalização* In: *Revista Retratos da Escola*. v. 2, n. 2/3, 2008. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/view/122/111>. Acesso em: 15 de maio de 2012.
- PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de Professores – Saberes da docência e identidade do Professor*. Nuances, vol. III. setembro de 1997.
- SEFFNER, Fernando. *Teoria, metodologia e ensino de História*. In: Guazzelli. César A. B. [et al.] *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- _____, & PEREIRA, Nilton Müller. *História, leitura e escrita para o Ensino Médio*. In: *Ler e escrever: compromisso no ensino médio*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

_____. Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do ensino da história. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel [et al.] Ensino de história: desafios contemporâneos. Poro Alegre; Edições EST, 2010.

TUNES, Elizabeth, TACCA, Maria Carmem V. R. & BARTHOLO JÚNIOR. Roberto dos Santos. O Professor e o ato de ensinar. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, pp. 689-698, set./dez. 2005.

Notas

1 Trabalho apresentado no Evento: *XVIII Jornada de Ensino de História e Educação: Ensino de História, Imagens e Mídias*.

2 Mestre em História Latino-Americana UNISINOS. Cursa a Especialização: O ensino da Geografia e da História: saberes e fazeres na contemporaneidade na UFRGS. Editora da Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - Qualis Capes B1

3 Ver sobre a temática da formação e identidade docente alguns estudos como o de Pimenta (1997), Brzezinski (2002), Freire (1996), Vianna (1999), Lane (2004), Sung (2000), Nóvoa (2000), Ciampa (2004), entre tantos outros.